

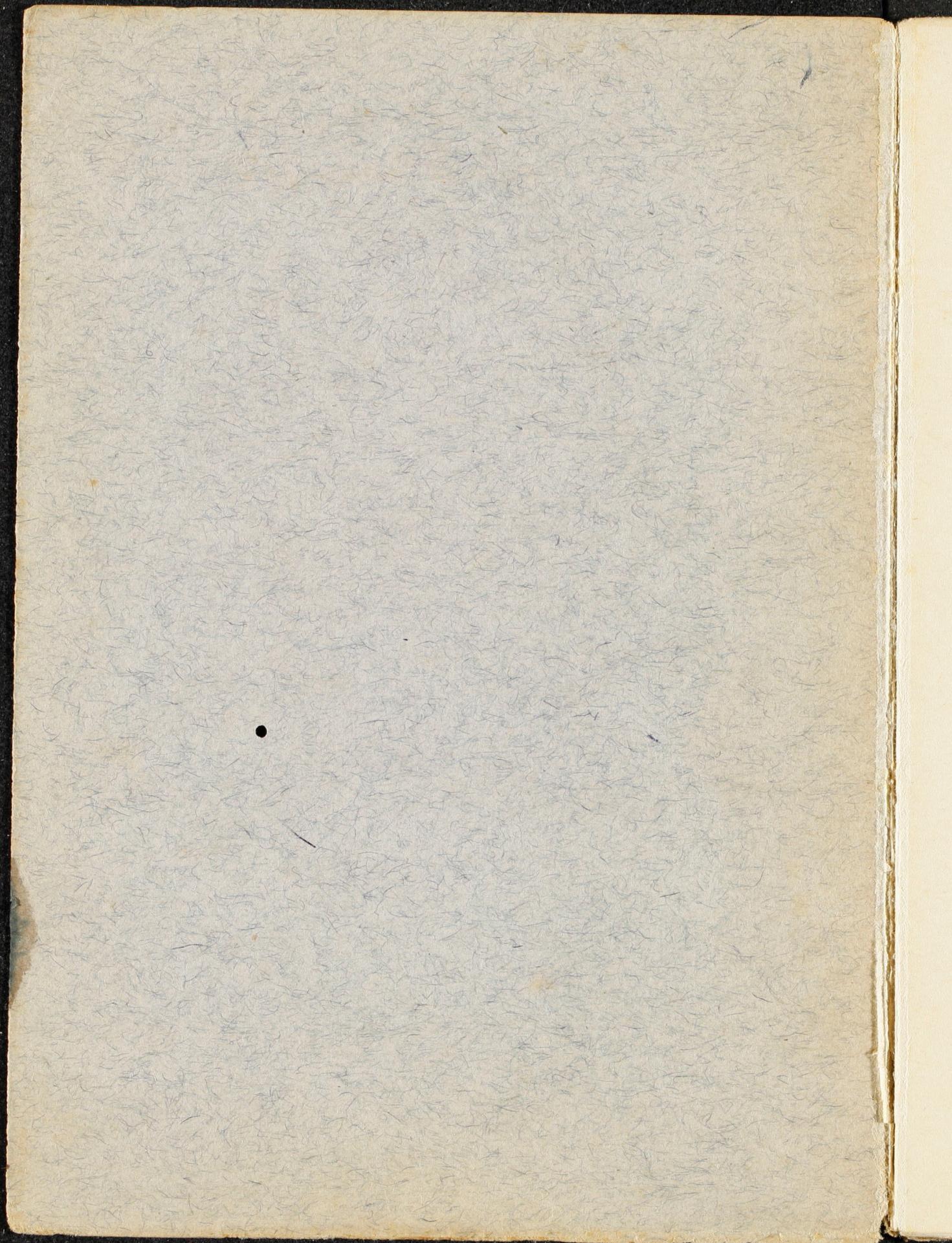
MARTINS FONTES

MARABÁ

EDIÇÃO DA
AGENCIA NOVIDADES
RUA S. ANTONIO, 15

== 1922 ==
TYP. INSTITUTO
== SANTOS ==

.915
35m



MARTINS FONTES



MARABÁ

MARIO DE ANDRADE

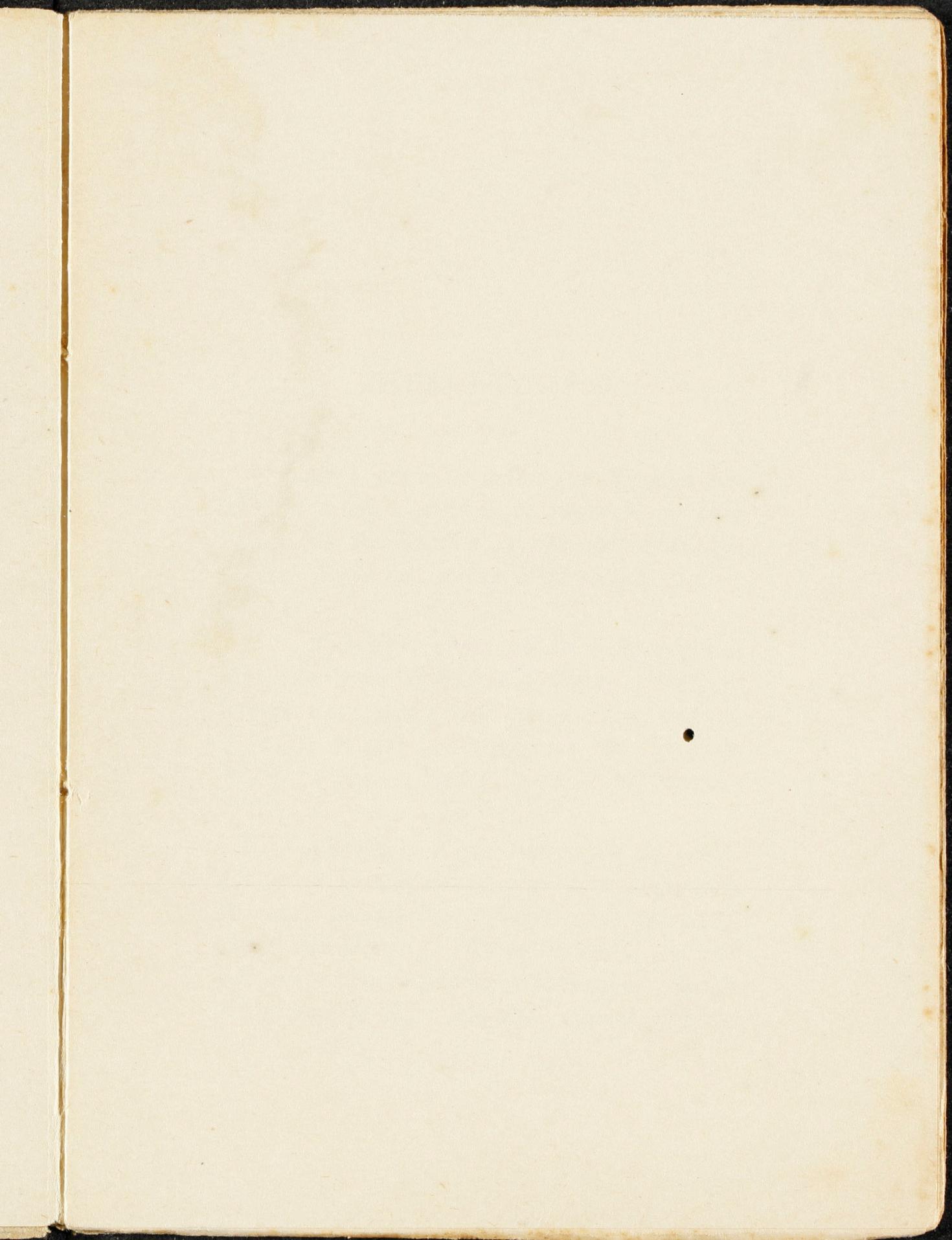
B	
c	35-

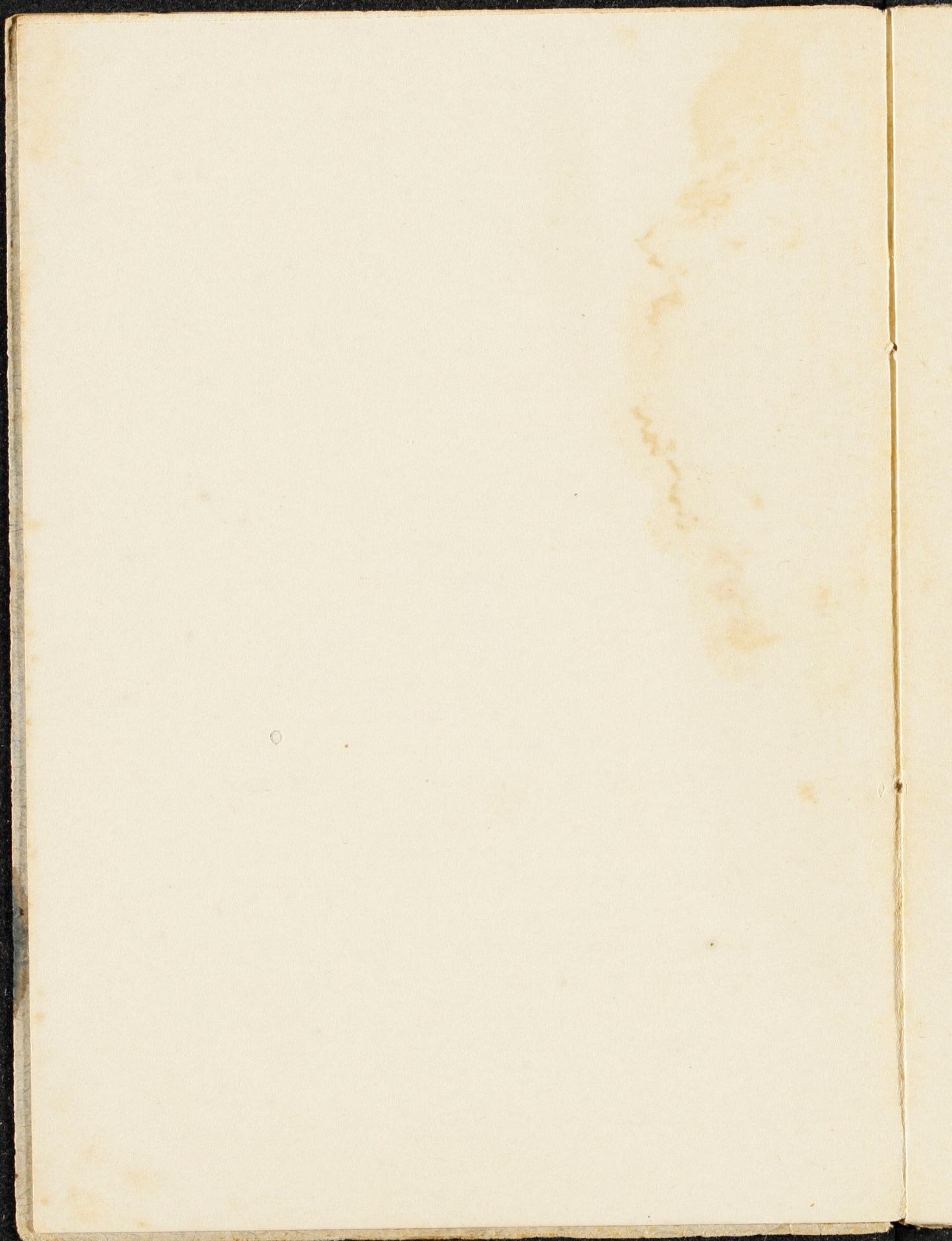
EDIÇÃO DA
AGENCIA NOVIDADES
RUA S. ANTONIO, 15

== 1922 ==
TYP. INSTITUTO
== SANTOS ==

1548

MA
869.915
F6835m





PRELUCIDAÇÃO



Com o presente volume, a Agência Novidades inicia a publicação regular da obra portentosa de Martins Fontes, distribuída em alguns livros de prosa e verso do melhor quilate.

« Marabá », como ha de indicar a sua acceção, remontando-se á lingua geral do Brasil, quer dizer filha de india e branco. O A. foi buscar nessa palavra, tão significativa e sonora, o thema para este formoso livro.

« Marabá » é, na concepção do poeta, a propria nacionalidade brasileira, palpitando de seiva, semibarbara, fulgindo ao sol calcinante dos tropicos. Como convinha ao sentido allegorico do poema, e consoante a indole voluptuosa do A., « Marabá » surge, paginas

adeante, na figura estonteadora e extranha da mestiça, resumindo, em seus encantos e feitiços, todo o fascínio da terra brasileira.

É no Palacio da Paz, em Haya, que o A. a vislumbra, entre a multidão das nações. « Marabá » é ali uma nota estridente de imprevisto e de belleza allucinadora. Accendendo no coração do poeta a flamma sacrosanta do amor da patria longinqua, ella o conduz a um delirio maravilhoso, e esse delirio maravilhoso é o poema que se segue.

O EDITOR.



OBRAS DE MARTINS FONTES

1916

Da Imitação. These de doutoramento em Medicina.
O Acre. Estudos de Hygiene rural.
A Grippe, em Iguape.
A Meningite-Cerebro-Espinal-Epidemica, em Villa-Bella.

CONFERENCIAS LITERARIAS

(Edições da Agencia Novidades, Rua Santo Antonio,
propriedade de Galeão Coutinho & Comp.)

NO TEMPLO E NA OFFICINA

NO TEMPLO:

Como os Poetas amam a Patria.
O Mar.
A Terra.
O Céu.
A Alegria.
A Dança.
A Cavallaria.
A Neurose.
Bakounine.
O Parnasianismo.
Decameron.

NA OFFICINA:

Eça de Queiroz.
Coelho Netto e Olavo Bilac.
Kodenbach.

Maupassant.
Flaubert.
Claude Bernard.
Pasteur.
Nós, as Abelhas. (Aos Poetas da minha Geração).
O Lírio.
Luis Delfino
Era uma vez...
Santos.
Olavo Bilac, Poeta Comico.
O que os cegos veem.
O que os passaros dizem.

POESIAS

Verão, edição do Instituto D. Esch. Rosa.
A Cigarra e a Formiga, edição da "Gazeta".
Pastoral, edição da "Revista do Brasil".
As Cidades Eternas, edição da "Agencia Novidades".
Prometheu, edição da "Agencia Novidades".
Marabá, edição da "Agencia Novidades".
Bohemia Galante, edição da "Agencia Novidades".

THEATRO

O Calvario, peça em 3 actos.
Arlequinada, fantasia funambulesca, em 1 acto.

PROSA

Segredos Profissionais.
Contos.
O Collar Partido.

Ao meu querido

Samuel Ribeiro

Santos, 8 de Janeiro de 1922.

No fim do art. lembrar decadência de Martins e Hermes Fontes, dois verdadeiros poetas. E terminar dizendo: Bem rapaz tinha o our. Monteiro Lobato, ao clamar contra a destruição das matas numa das páginas dos ~~seus~~ livros que escreveu "Urupês" (único livro que escreveu o malogrado escritor). Mas tinha mesmo muita razão em clamar contra a incensura das nossas matas. É isto que tristíssima e lamentável a rapidez com que no Brasil se esvaem as fontes!

Falar na erudição pedante de M. F.

É o poeta pensa «isto vai ficar célebre, truco de autalagia» Pois não fica. É o que mais rapidamente se esquece são justamente os trechos, metidos a martelo no estrocho, como a descrição do Amagouas, a casa do Jacaré etc. (falar antes sobre a concepção do poema.)

O meu gosto na concepção. O meu gosto é actual. Mas nada há que mais brigue com a verificação e os preconceitos parnassianos do our. M. F.

O verbalismo de M. F. é o contemporâneo. Naquelle é pretensão romantizadora, é sério, e todo, permutivo e anulato. No moderno é pandego, divertimento, raleira e blague.

M. F. felizmente já não é parnassiano. Tem mesmo falhas de metrificação (licenças, perdão) que demonstram por um lado o cansaço do artista. É assim que Lioncão ora tem 3 ora 2 sílabas. Ora, não se dá razão para tais licenças, se quem metrifica. Si escolheu um verso, si seu poema é preparado intellectualmente, mesmo sem ser parnassiano, mesmo sem procurar rimas ricas e outras tolices parnassianas (e o our. M. F. não nos abandonou inteiramente)

Verde Lougeação

Magnetizava, por ser novo e raro,
 Nunca visto, o verdor que te vestia.
 Toda adornada de amarelo e verde,
 Tudo, em torno de ti, reverdejava,
 Vindo, do verde-gaio ao verde escuro,
 Em gradações verdeaes verdeluzindo!
 Noutra mulher seria extravagante,
 Mas em ti deslumbrava, porque exprimes
 O vicejo das selvas lustriverdes!
 Talvez fosse selvagem, mas perturba
 Ver alguém condensar, no traje exótico,
 O verdum tropical do seu país!

Fitas, festões, girandolas, bandeiras,
 Luzes, crystaes, espelhos incendidos,
 Córos, fanfarras, fremitos, applausos!
 E a festa fulgurava, ao som dos hymnos
 De todas as nações fraternizadas!
 Era o progresso, a liberdade, a ordem,
 A civilização em pleno fausto!
 E eis que, ao centro da sala, ampla e doirada,
 Recoberta de folhas de oliveira,
 Entre lustrosas palmas auriglaucas,
 Quatro vultos resurgem na luz vivida,
 Que jorrava em clarões do teu olhar!

Mestras e irmans, cercavam-te, fulgindo.

Esta de Botticelli ou Donatello,

Dama romana, dona veronesa,

No porte concentrava o duplo aspecto

De Vittoria Colonna e Monna Lisa.

Outra, de oiro e de azul, de renda e seda,

E altos bandós empoados, parecia

Um lilá que, a sorrir, desabrochasse

Nos jardins de Cythera ou de Versalhes.

Joliz, á Pompadour, flordelisada,

O ar affectava, Colombina lyrica,

Das bonecas de Sevres e La Tour.

Outra, “maja”, de véstia negra e rubra,

Na boca a fórmula de uma flor vermelha,

Nos olhos fundos o fulgor da morte,

Incarnava a fremencia das figuras

De Velasquez, de Goya ou Zuloaga.

E, a ultima dellas, qualquer cousa tinha

De camponesa e monja, de tal modo,

No azul-céu de seus olhos, se esbatia

A ridencia das tintas de Malhoa,

No sombrejo dos tons de Columbano.

E era Soror Marianna, a amante mystica,

E a Joanninha dos contos de Garrett.

E tu, no meio desse grupo insigne,
 Mais do que todas juntas, captivavas!
 Inflammou-se a paixão que ambos sentimos!
 Amei-te, e ao meu fervor correspondeste!
 No mesmo olhar os corações prendemos,
 Tendo a revelação, naquelle instante,
 Tu, de seres a imagem do meu sonho,
 E eu, de ser o troveiro que sonhaste.
Pela das danças musical vertigem
 Enlaçados nos vimos, de repente.
 E foi nesse momento, de honra e jubilo,
 Que descobri quem eras, Marabá!

Ao fitar os meus olhos nos teus olhos,
 Transportei-me, por subita magia,
 Entre scenarios de esmeraldas e ouro,
 A's paragens das aguas deslumbrosas.
 Vi, nos teus olhos negros e profundos,
 O rio-rei, nos revoltões da enchente,
 Como gigante louco ou deus possesso,
 Fluir seis mil kilometros, em furia,
 E, de chofre, chegar, chofrando, ao gólfam
 Da "Hylø" verdosa, dedalo florido
 Que, expandido em dez leguas marematicas,
 Se ampli-escancára no Tajapurú!

Já Bateria
 Expeller e
 milhor!

Magoras
 nota 3

Ruge, e tudo estremece: é a pororoca.
Vem, no tramba-las-aguas trevoejando;
Rasga voragens, jupiás, remoinhos;
Ensofregado, undisono, estuoso,
Reflue, borrifá, estoura, estardalhaça;
Leva, no pégo undiflavo, boiando,
O humus fluido, alluviano, os torrões-soltos,
Entre argilo-arenosos sedimentos,
Como se, o continente dessorando,
Com o plasma dos países estivesse,
No oceano, além, reconstruindo a Atlantida,
Remoldando a miragem de Platão!

Por igapós, igarapés, sacados,
Curvas, trifurcas voltas, torcicollos,
Furos, ancos, estreitos, varadouros,
Em reticulos mil se anastomosa,
Remansa-se, asserena-se, adormece.
Mas, subitaneo, todo se resolda,
Recomeça o delirio na loucura;
Formando e deformando infatigavel,
Multifazendo, desfazendo tudo!
E, fóz em fóra, em macaréus bolhando,
Repelle a agua do mar setenta leguas,
Urra, como o jaguar, flavo e feroz!

Inunda, ás vezes, de estirões a mata;
E a agua, limpa, subindo pelos caules,
Retrata as copas sobre o espelho mobil;
E parece que a selva está suspensa,
E, entre dois firmamentos, no ar, ondúla.
Outras vezes desprende, sorrateiro,
A area immensa de um bosque, ilha erradia,
“Salão” que o repiquete desagrega,
Cheio de aureos ipês, roseas paineiras,
Verdes coqueiros, bambusaes sonoros,
Garças, guarazes, jacamins, palmipedes,
Onças, antas, macacos, tracajás.

Durante a noite os naturaes escutam,
Tranzidos de terror, no ermo infinito,
O ronco bruto, estrondo cavernoso
Do entrechoque dos troncos, como adarves,
Arrebatados no rondão da enchente.
E, por milhas, o rio arranca ás margens
Longas e largas extensões bravias,
Derrue selvas e ribas em minutos,
Destruindo, eversivo, aniquilando
Seres e cousas que em seu seio existam:
São as “terras-caidas”, espectaculo
Sem igual, no vesuvio que produz!

Nas estancias das heveas, castilloas,
A fartura dos peixes maravilha:
Peixes viajeros, peixes de cem cores,
Centelhando, durante as piraqueras,
Que é quando o puraquê photoelectriza
Os palacios de aljofar da Mãi-d'Agua.
E o rio sonha, reflectindo os astros,
Glorificado por milhões de vidas!
Sua grandiosidade ultraimponente,
Tamanha no volume que extravaga,
Torna inultrapassavel, maiorissima
A pujança do solo que o possue.

Ha, nestas plagas, um desporte incrivel,
Que, a te-lo visto, não se olvida nunca.
(Mais que a péga do touro, este brinquedo
Requer força, bravura, agilidade).
E' o jogo que entretém, na agua profunda,
O homem e o jacaré, quando se enfrentam.
O homem, pendente, trás do braço um tóro,
E, depois de cansar o crocodilo,
Que se move somente em linhas rectas,
Lhe intromete este cepo na bocarra,
Vira-o, pondo-o de pé, na fauce escancara,
E o monstro arrasta, dominado, á mão.

peça do jacaré

Ora, estes quadros, Marabá formosa,
 Remirava em teus olhos, quando sinto
 Encender-se a escaldancia do teu corpo,
 Teu contacto epidermico adurir-me,
 Insolarar-me a tua pelle de ouro!
 E, instantanea, outra scena me apparece:
 O sol fogueia, calcinando; a terra
 Adoece, morre á sêde, ardendo em febre;
 Embocando os raucisonos trombones,
 O alisio ulula: a secca principia.
 Uivam os ventos, remexendo as arvores,
 Barulhando, aos roldões, a reboir.

Gemem os animaes. A luz dardeja,
 Cauterizando os cereus esmarridos,
 Que imitam candelabros amarelos,
 Tochas accesas na effusão do dia.
 Ferve o silencio. A claridade escorre
 Em ondas de ouro liquido, ebullindo.
 O solo racha; as pedras refagulham;
 O ar esfuzila em piscas irisantes,
 Em palhetas minusculas de mica.
 Sobre o deserto, no estendal combusto,
 Flammifervem, despejam-se, lucifluas,
 As cataractas dos vulcões do sol!

Seja no beara!

Fogem os derradeiros retirantes,
 Andrajosos, exhaustos, combalidos,
 Cegos de tanta luz, mudos espectros.
 Vão sem rever, atrás, o lar que deixam,
 E sem chorar também: que o pranto é agua,
 E a agua toda seccou, mesmo a dos olhos.
 Levam, em redes, velhos e crianças;
 E ao toparem, no meio dos caminhos,
 Os companheiros de infortunio e fome,
 Trocam phrases que aterram, e assim dizem,
 Na sua humilde singeleza rustica:
 —“Vai vivo ou morto?”—“Ainda vai vivo”.—“Adeus”.

Terra martyr, teus filhos não te esquecem:
 Vivendo de esperança ou de saudades,
 Sabem todos que és tu, na brilhantura,
 O coração da patria, latejante.
 E, um dia, voltam, e, ao beijar-te o solo,
 Choram de amor e morrem de alegria.
 Ah! pudesse eu lenir a tua sede,
 Dando as lagrimas todas do meu pranto!
 Nas tuas praias, espelhando a noite,
 Vê-se o brilho vidrento das estrellas,
 Que se refrangem nas areias limpidas,
 Vivas, tão alvas quanto a propria luz!

*o pranto é
 agua e pranto
 metafórico*

“Hotel de Deus”, sózinho, no escampado,
 O umbuzeiro se insula, como um templo.
 Alto e redondo, elle se torna baixo;
 E assim, rojando os ramalhões cachudos,
 E’ tecto, é pão, é fonte querencosa,
 Acarinhando os orphams da pobreza,
 Arvore Mãi de todas as miserias!
 E o boiadeiro, quando o vê, murmura:
 — “Ai, ai, umbú! — Ai, ai, Deus te conserve”!
 E se pergunta alguém: — “Por que suspira?”
 Lhe responde o caboclo, descobrindo-se:
 — “De pena delle, por viver tão só!”

Como enlevado, extatico, me visses,
 Tendo o espirito em sonhos transcendendo,
 Assim disseste: — “Que terás, que, ás vezes,
 Voejas, pairas, emigras, remontando?
 Que planeta mirifico perlustras?
 Por que pagos longissimos divagas?
 Vamos, á sombra dos jardins, agora,
 Afastados da pompa que nos cerca,
 Recordar o passado, revivendo
 Nossas lembranças e illusões mais puras.
 Dir-me-ás quaes são teus pensamentos intimos,
 Que os meus segredos te direi tambem.

*E' mentira. O caboclo não
 respondia com o decasílabo.*

notar si de facto recordarum alguma coisa
em ~~o~~ isto foi pretexto para a tirada
dos perfumes

Depois que assim falaste, nos partimos.
E á sombra immovel dos jardins descemos,
Como dois namorados que se escondem.
Mas a brisa, ao tocar nos teus cabellos,
Fes soltarem-se delles, no ar da noite,
Todos os cheiros que ha na mata umbrosa,
Como se a natureza, abrindo o seio,
Vaporasse milhões de trescalancias,
Cheiros quentes, macios, saborosos,
Dos que, de tarde, as auras escaldantes
Trazem das plantas do equador, narcoticos
Que envenenam e matam de prazer.

das frutas

Era o perfume que ha na manga-rosa,
No cajú, no cajá, na tangerina;
A olencia dos frutae dentro dos bosques,
Ou nas serras e valles pomareiros;
O rescender do abacaxi do brejo,
Do araticum e do melão maduro;
Eram todas as lyras da floresta
Symphonizando os cantos capitosos,
Vindos desde a surdina da mangaba
Ao bacuri que, estridulo, restruge,
Quando a selva revibra, polyphonica,
Pela voz dos aromas, ao luar!

Pravamente prefero o *Novo Vocabulario Analógico*
de Firmiano Costa
e' mais instructivo, mais divertido e mais leve
do que o *Dicionario* de XXX
observa-se para a 1ª estrofe da
pg 24

(nota 2)

E essas rondas de essencias me levaram
 A rever os mysterios da espessura,
 Que entenebrece campos e montanhas,
 Entesourando, nas selvatiquezas,
 Opulencias que nunca foram vistas.
 Aqui, na mais cerrada brenha umbratil,
 Piscam insectos pyrilampejantes,
 Animalculos fogem, phosphoreiam,
 Sobre fofas alfombras que se afundam,
 Cheias de painas, pennulas, garçotas,
 Ervas sedosas, velludinas plumulas,
 E relvagens de aveneas e jasmins.

? porque
 como quando
 Qual' está aqui
 do' por causa
 do efe

Apesar da apparente quietitude,
 A cada canto, travam-se pelejas,
 Dão-se combatarias implacaveis,
 Na luta pela vida, entre as especies.
 Lianas, lios elasticos se estiram,
 De alto a baixo, a extricar-se, em colgaduras.
 Atumultua a confusão. Folhagens,
 Que são thermo-cauterios, se entrecruzam.
Riçam-se, em pinha, em pregos espinhentos,
 Folhas aciculares, ponteagudas,
 Plumuliformes, fenestradas, hispidas,
 Ouriçando os punhaes, que são ferrões.

Não são ferrões, são espinhos
 In F explica pinhaes dizendo
 que são ferrões. Não são! É mentira!
 Mas precisa de uma agulha.

Alêm, gigantas, frondejando, se alam
 Imbuias, frutas-pães, maçarandubas,
 Perobas, jatobás, jenipapeiros
 A cuja sombra, em redes, poderiam
 Varias familias repousar á sésta;
 Cumarús, piranheiras e paus-ferros
 Que, imperterritos, quebram os machados,
 Que as segures estilham, de tão duros;
 Apuís que abarcam uma selva inteira:
 Do primitivo tronco partem galhos
 Que, alastrando, se engrossam em tentaculos,
 Imitantes a polvos vegetaes.

Nas arterias dos cernes se accumulam
 Cumos, balsamos, lateces, resinas,
 Nectarizando os climas primaveros.
 Flores, por toda a parte se entrelaçam:
 No alto, orchideas lindissimas balouçam:
 Celias, lelias, sobralias, sophronitas
 Purpurejam por entre as alleluias;
 Jacatirões, bauhinias, passifloras,
 E festivas esponjas amarelas,
 Como caçoulas languidas se embalam;
 E, das raizes do cacau, sublevam-se,
 A' flor do solo, rebentando em flor!

É isto a descrição. Não se vê
 nada! Uma enumeração sem vida, pretendo-
 ra e que se poderia virar em um e
 floresta de oporata, sem verdade e vida.

Nesses rincões, que os jaqueiraes sombreiam,
 Ninho dos colibris e borboletas,
 O rumor dos vozeios ataranta:
 Remurmurios, runruns, zonzons, zumbidos,
 Píós, pios, pipilos, papagueios,
 Cricris, gluglus, quiqueriquis, crocitos,
 Trissos, trilos, trinados, regorgeios,
 Chalros, galrejos, e, dobrando, os chilros
 Do sabiá, do japim e do soldado,
 Capazes de fingir todas as vozes,
 Até mesmo o cantar do, Orpheu dos passaros,
 Rouxinol de Manaus, irapurú.

Quando a floresta repintava, absorto,
 Levado pelo odor dos teus cabellos,
 Tu, sentindo a paixão que me allucina,
 Adivinhaste o bem que me causara
 A doçura do mel que ha no teu labio.
 E me deste a provar a extraterrestre,
 Extrahumana delicia do teu beijo!
 E esse primeiro beijo arrebatou-me,
 Deu-me a bençam da luz inspiradora:
 Fes-me, ao longe, rever a adolescencia!
 Ante meus olhos, que cerrei, num extase,
 Vi Guanabara, refulgando ao sol!

aixe beijo da
 1521

Bella, de estontecer, moça e querida,
A cidade dos beijos trescalava!
A terra verde, da esperança ardente,
Aos embalos do mar, como sultana,
Ria e cantava, nos jardins suspensos
Das montanhas em flor, que a ensombreciam.
Nua, abria-me os braços preguiçosos,
Offertando-me os seios como jambos!
Em sua carne de ouro havia o dengue
De Esperança e Potira ou de Moema,
O ardor que é febre na gardenia florida,
E doureja, edulçando, o cambucá.

Quem és tu, Marabá, musa silvestre?
Lembras-te, acaso, das palmeiras longes
Que, no Egypto, os oasis enverdecem?
Por que motivo tens a côr doirada
Das areias morenas do deserto?
E's asiatica, és inca, azteca, indiana?
Em que tempos remotos, transmigrando,
Abandonaste o pouso em que nasceste,
Teus rebanhos e campos, para vires
Acampar em retiros forasteiros?
Teus pais pertencem a uma raça nomade?
Teus avós são pastores no Decan?

Amo-te, apenas sei quanto és formosa!
Quero-te, apenas sei que me allucinas!
E Marabá, prendendo-me em seus braços,
Disse-me: — Eu contarei quem sou: saíamos
Do presente, e nos tempos mergulhemos.
Vou revelar-te minha vida agreste,
Recennando as passagens que descoram,
Relustrando as memorias que se apagam.
Entre os campos-geraes da terra virgem,
No araxá das joropas e juçaras,
India, filha da mata, humida e torrida,
E do sol europeu, desabrochei!

Lembro-me ainda de ter visto, infante,
Homens de fuscas faces côr de ferro,
Campas, Tupis, Timbiras, Tabajaras,
Repintados de tintas vermelhuscas,
Celebrarem os ritos da victoria,
Estrupidando, em torno das fogueiras!
Riam, cantarejavam, dando pulos,
Bebendo, em cocos, a bacaba azeda,
O guaraná fervente, a sorva, a calda
Do uacaí, que alimenta e refrigera,
Chamando por Tupan, deus dos relampagos,
Ao clarinar de irubias e borés.

E a selva, minha Mãi, perto, evocava,
Escondida nos lucos palmeirosos,
O alvo immigrante, seu esposo ingrato,
Que a beijara e partira para sempre.
E invocava Rudá, rezando ao nume,
Pedindo, ao deus do amor e da tristeza,
Que branqueja no alvor da lua nova,
Mais tormentosas lhe tornasse as penas.
Como elle não voltou, ella escondeu-se.
E, da esperança ãe o rever, um dia,
E da saudade que elle teve, amando-a,
Flor da magua e do sonho, é que eu cresci.

Quando nubil me achei, menina e moça,
Quasi mulher, na carne que alvorava,
Porêm criança no escolher dos brincos,
Os primeiros donaires caprichosos
Me fizeram sonhar graciosidades,
Miniaturas gentis como este quadro:
No portal de uma igreja, ou de um palacio,
Pára uma cadeirinha rendilhada,
Ninho- primor do seculo XVIII.
E della salta, rococó, de anquinhas,
Uma linda Sinhá, de olhos dulcissimos,
Noiva, em segredo, do marquês reinol.

Mais si o mimo subtil da mocidade
Me fes sorrir, ás vezes, muitas outras
Me obrigou, no silencio do remorso,
Pelo mal que fazia, sem ter culpa,
A chorar de amargura e de vergonha:
E' que para a ganancia, ou para o luxo,
Todo um povo de escravos se morria,
Uma raça captiva mourejava,
Orvalhando de sangue o solo fertil,
Recobrando de ossadas os caminhos;
— E tão boa e tão pura que, entre lagrimas,
Foi capaz de esquecer e perdoar.

Foi nesses tempos de nefandos crimes,
Que, por meus nobres ideaes levada,
Pairei sobre a cidade que se chama
— Paraiso dos negros foragidos.
Vejo, do alto das serras, sobre a varzea,
Por entre bananaes, a linda terra
Espraiar-se em jardins multiplicados;
Toda multifendida de ribeiros,
Que em mil curvas se enleiam e desdobram,
Simulando serpentes côr de prata;
Até que, ao fundo da planicie intermina,
Subindo pelo mar, entra no céu.

Doce terra do céu, bendita sejas!
 No teu regaço armaram-se "bandeiras";
 Bartholomeu Lourenço, olhando as nuvens,
 Teve a alada visão da passarola;
 Junto de ti, Anchieta, nas areias,
 Escreveu as estrophes a Maria;
 No teu berço nasceram os Andradas,
 E, abrindo o vôo, a independencia ergueu-se;
 A republica é filha do teu peito;
 Mas a maior das glorias do teu nome
 E' ter sido um scenario de tragedias,
 Na epopeia de um povo, Canaan!

Simeão chamou-se certo heroe de bronze,
 Sentinella avançada dos escravos,
 Que vivia nas serras tenebrosas,
 Soprando apitos pela noite muda,
 Dando signaes aos negros quilombolas,
 Para salvá-os, no momento extremo,
 Sederentos, famintos, resangrando,
 E conduzi-los, por caminhos curtos,
 Ao remanso da paz no Jabaquara.
 Nos braços fortes carregando os fracos,
 Privava-se de tudo, insomne, intrepido,
 Este santo dos negros, Simeão!

Simeão
 O relato realista de Marabá!
 Mais verdadeiro talvez que o
 de Vicente. Mas quem o quer
 de afirmar! A arte de Vicente tornou
 Simeão mais real que a vida e que

Mas interesses vis, prejudicados,
Deram causa a prende-lo, a todo o custo.
Cem capatazes, capitães do mato,
Foram-se em busca do invencível negro.
Simeão sentiu-os, relutou, mas quando
Se viu perdido, sobre um picó a prumo,
Numa fenda da rocha, argamassado,
De maneira a torna-lo inamovível,
O cabo do facão prendeu, gritando:
— “O preto Simeão morre de frente!”
E, pelas costas, recravando a lamina,
Como um heroe, ou como um deus, morreu!

(Marabá, Marabá, rosa entre espinhos!
Não mais soluces, meu amor primeiro!
Bem sei quem és, paixão deslumbrativa!
Num só abraço confundindo os corpos,
Transfundamos as almas num só beijo!
Nossos noivados, hymeneus enormes,
Realizemos no cume das montanhas,
Sobre os valles, convalles e altiplanos
Onde expira, no azul, o Itatiaia!
Dentro de Mato-Grosso, em Paulo Affonso,
No alto das Sete-Quedas, em Petropolis,
Nos grotões de Iporanga, sob o mar!

Teus cabedaes fervilham, dão vertigens!
 Tens, nos antros das minas, pullulando,
 Diamantes verdes, roseos, azul-claros,
 Rubelitos, rhoditas, calcedonias,
 Euclasio, pedras côr de jaspe, gemmas
 Crocaes, cetrinas, de fulvor brasino!
 Nos teus sertões os gados, em manadas,
 Ao monotono aboio dos vaqueiros,
 Quando, choutando, os pampas atravessam,
 A descer pelo dorso das cochilhas,
 Parecem vagas de luar, movendo-se
 No plenilunio, nas marés da luz!

Marabá, que te falta, para seres
 A princesa das fadas no universo?
 Por que motivo tu, bondosa e rica,
 Tendo o genio, a belleza, a mocidade,
 Vives occulta, como flor enferma?
 Soffres: teu mal devora-te as entranhas:
 Ha podruras que a seiva te empeçonham:
 Miudos, mesquinhos, minimos, immundos,
 Mil fimiculas vis te martyrizam,
 Depauperam, corroem, desnaturam:
 São os teus ancylostomos politicos,
 Larvas letaes da fauna verminal.

*Mas ouvi
 Ajara o
 passo sublime.
 Que lindo, hein?
 E moderno! Tem
 a minima, palha
 e flores de mistur
 e a simultanea
 idade absoluta*

Não terem todos uma só cabeça,
 Para que eu, de um só golpe, a decepasse!
 Decapitam-se as hydras, porêem elles
 São acephalos todos, como as ostras.
 Para taes parasitos sugadores,
 Resta o desinfectante da ironia,
 O antihelminthico heroico do sarcasmo.
 Tu serás alta, Marabá formosa,
 Quando, em fim, pertenceres aos artistas,
 Zeladores da flamma sacrosanta,
 Poetas soldados que, em coral multisona,
 Te orgulhecem nos surtos para o bem!

Estes, sim! são teus filhos, são teus noivos:
 Mortos, dão-te, na terra, o pão da carne,
 Dão-te, vivos, o vinho do seu sangue!
 Amo-te! — e apenas sei que me desvairas!
 Quero, em teu collo, repousar, afflicto.
 E Marabá, prendendo-me em seus braços,
 Cantorinha, de leve, embaladora:
 — “Dorme; quando acordares, serei grande.
 Tomba em meu seio, soffredor piedoso.
 Para te acalentar, sonoramente,
 Ouve, como as crianças, uma fabula,
 Dorme, ouvindo a Canção de Marabá:

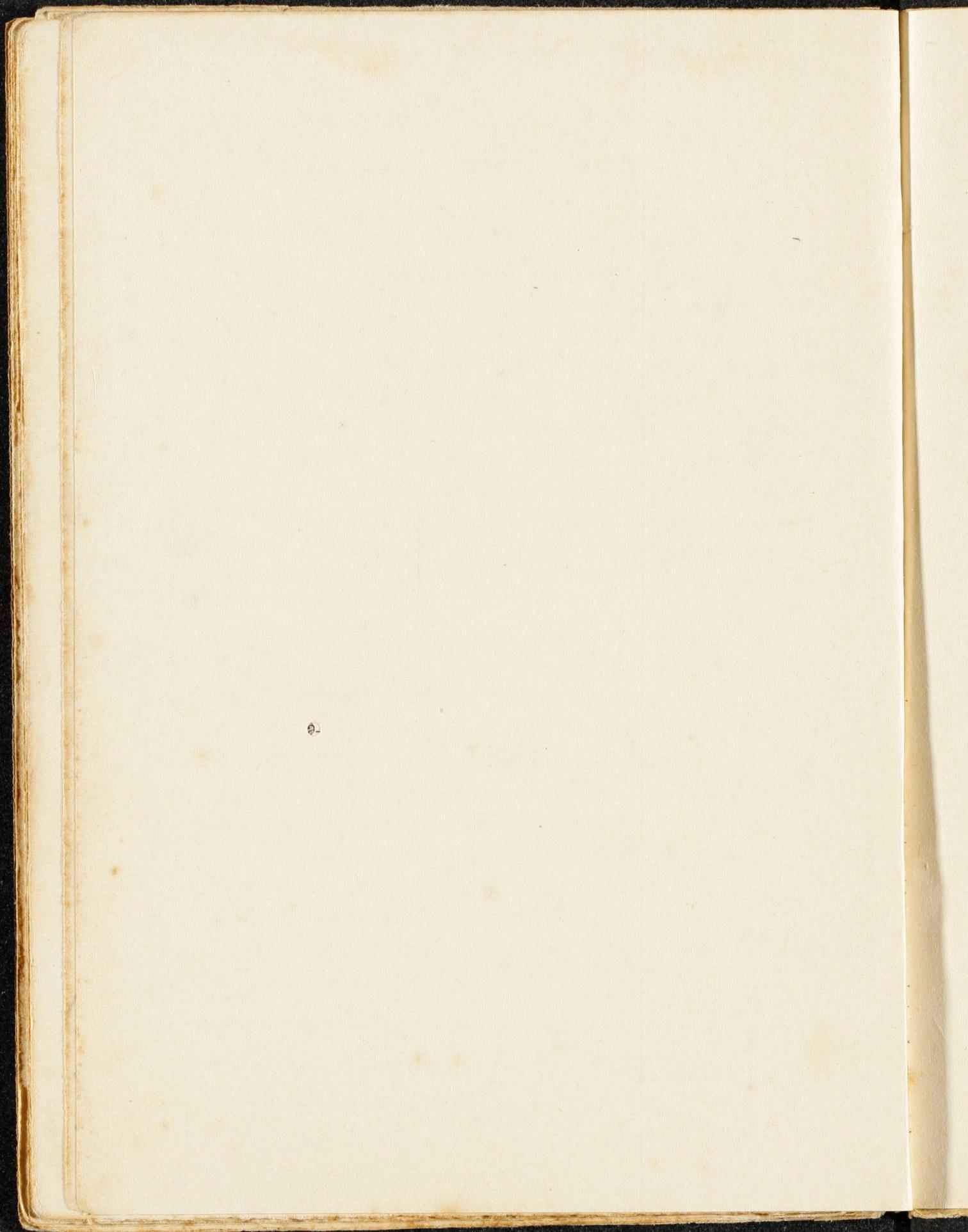
*O fim não é o fim e a neurose da dorida
 flúorecente e platifunguandua
 taratissimamente a filosofia do em Martin
 T. contradiçães Platão. E' Kikuriquissimo!
 Platão me, a direita de cidadania aos poetas*

— Conta uma lenda dos primeiros incas
 Que, em Potosi, houve uma flor de fogo,
 Jalde, solar na essencia, cordifórme,
 Que, só de ve-la, o viajor tornava
 Perpetuamente forte, moço e bello!
 Rosa de radio, astro floral, semente,
 Como as pepitas, da arvore sagrada
 Que abrolha em mundos, enflorando a noite!
 Tendo, no olvido, seculos brilhado,
 Hoje a planta estellar todos bendizem:
 Porque o Brasil é, nos jardins da America,
 A flor chamada — “Coração do Sol!”

do maravilhoso m. + não me ainda o
 Brasil, a tal flor que tornava o corpo forte
 e bello país que se torna cada vez mais
 melhor

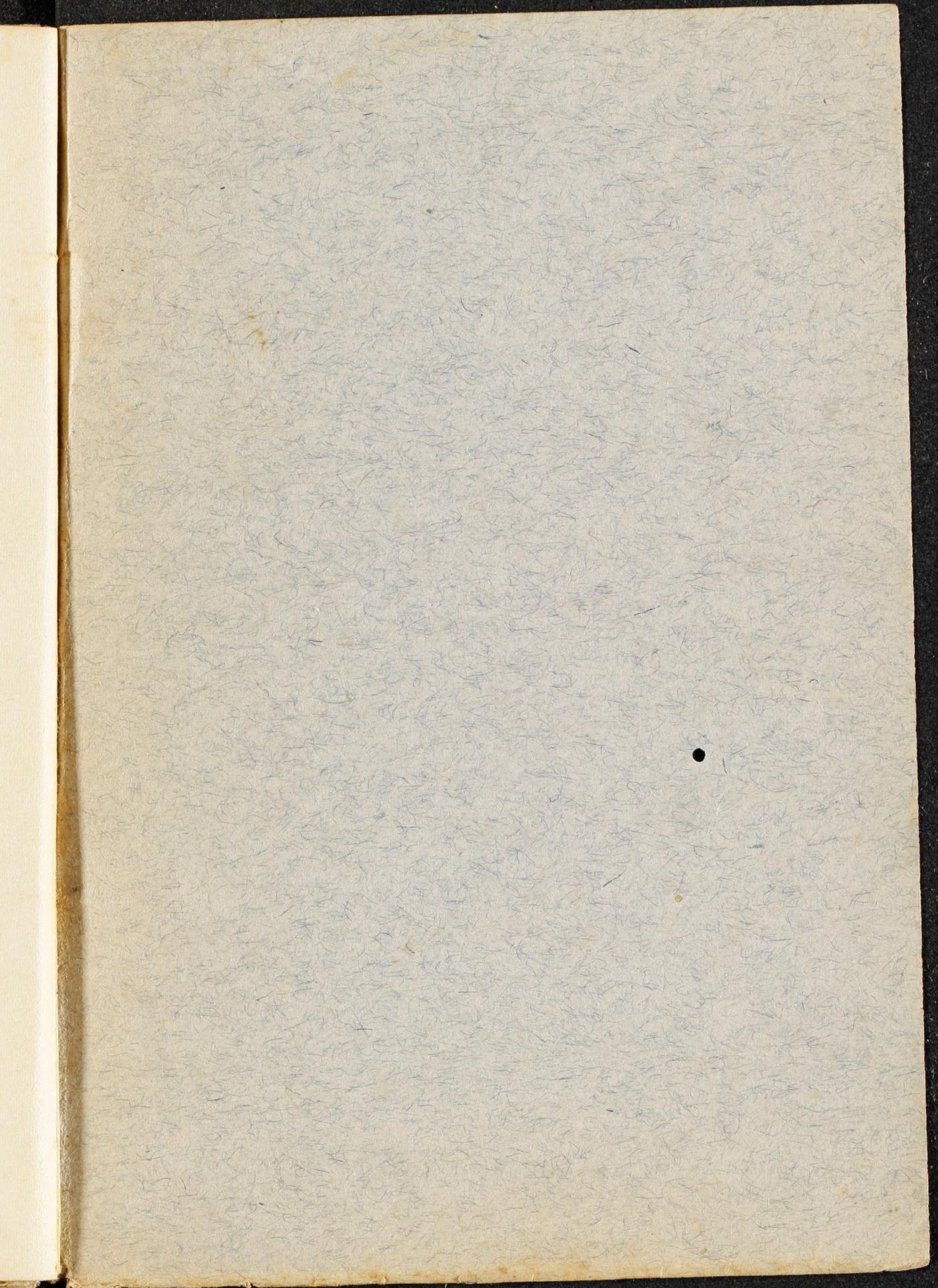


Mas para o ^{poetico} ~~filosofo~~ brasileiro só os artis-
 tas é que são filhos da pátria, moços
 incerteiros da dita, « Estes sim são seus
 filhos, não tem mais a tu 3 pessoas »





1675
coll
ii. f.



MA
86
F6